O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

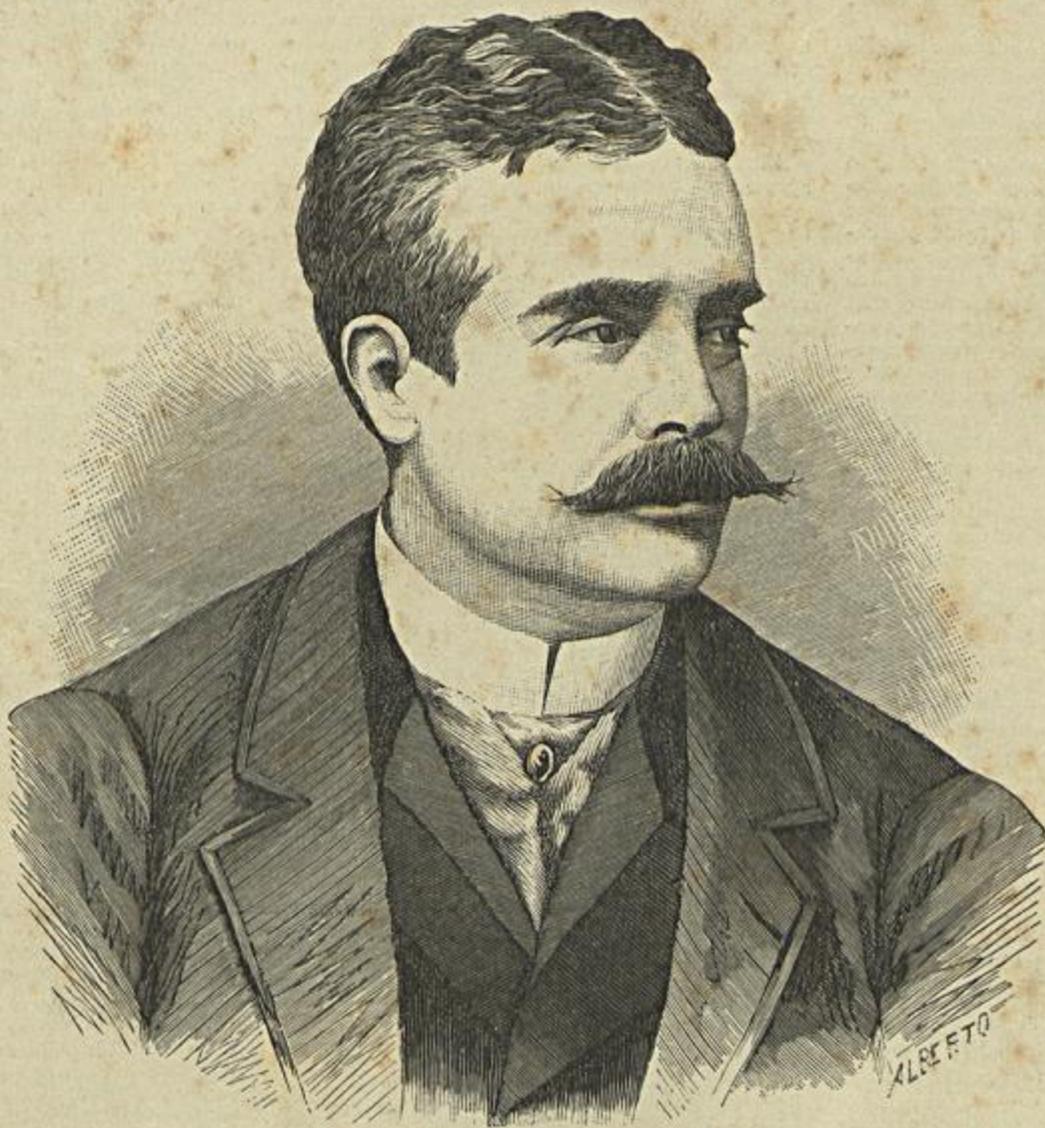
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 478

1 DE ABRIL DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE; sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO — FALLECIDO EM 20 DE MARÇO DE 1892

CHRONICA OCCIDENTAL

Prometti na minha ultima chronica tratar hoje d'umas poucas de novidades theatraes e no fim de contas algumas d'essas novidades assumiram uma tão desusada importancia, que não sei se mesmo dedicando-lhes toda esta chronica terei espaço para tratar de todas ellas.

Começarei por uma festa theatral que mercê dos seus promotores foi um acontecimento em Lisboa, no meio d'esse diluvio de beneficios para os naufragos que traz já o publico muito cançado — a festa dos estudantes da Escola Polytechnica, no theatro de S. Carlos.

Festa de rapazes pelos rapazes promovida e pelos rapazes executada, esse sarau do theatro de S. Carlos trouxe uma nota nova, original e engraçada a essas festas que ahi desabrocham por todos os lados, n'esse delirio de caridade que parece uma recahida da febre dos inundados que atacou a população de Lisboa ha uns bons dezeseis annos.

Os estudantes da Escola Polytechnica na sua nobre e benemerita aspiração de darem tambem o seu obulo para as victimas da grande catastrophe do norte, não se limitaram a promover uma festa qualquer, um beneficio como muitos dos que por ahi se tem realisado e se preparam ainda, quizeram tambem tomar parte n'essa festa, e foi isso que lhe deu o sen caracter original, e gracioso, que lhe deu o seu grande *successo*.

Realmente tem sido tanta a gente a pensar e a organisar festas, que é difficilimo hoje encontrar para essas festas de caridade uma feição nova, uma nota ainda não explorada.

Os estudantes da polytechnica encontraram-n'a sem o mais pequeno esforço, recorrendo apenas ao seu bóm humor de mocidade, á sua alegria despreoccupada e sem *pose* de rapazes.

E só rapazes alegres, despretenciosos, livres de pieguices e de convencionalismos sociaes, como elles, se atreveriam a apparecer em publico, no theatro de S. Carlos, deante de tudo o que ha de mais illustre em Portugal, vestidos de mulher, caracterisados em heroes de farça, como se se tratasse d'uma rapaziada coimbrã, ante um publico só composto de rapazes; só rapazes intelligentes, activos, cheios de boa vontade e de audacia como elles, se atreveriam sem nunca terem representado nem sequer n'um theatro particular, a estudar, decorar, ensaiar e representar em seis dias apenas uma peça de que elles proprios foram copistas, ponto, contra-regra, actores e quasi que auctores, porque póde-se dizer que era d'elles e que foram elles a peça.

A sua boa vontade, o seu enthusiasmo, a sua alegria, a sua confiança no bom resultado da empresa eram tão grandes, que me contagiaram a mim, apesar dos meus 42 annos, que me fizeram durante uma semana voltar a ser rapaz apesar dos cabellos brancos que já tenho, e dos cabellos brancos e dos cabellos pretos que já não tenho.

N'uma quinta feira á tarde appareceram em minha casa uns sete ou oito rapazes que eu nunca tinha visto, que não conhecia, a procurar-me.

Era uma commissão dos alumnos da Polytechnica que promoviam o beneficio de caridade.

Disseram-me que vinham pedir a minha coadjuvação para a sua festa e eu puz-me logo ao dispor d'elles com toda a boa vontade, sem saber o que elles queriam de mim, imaginando que se tratava apenas de os apresentar a alguns artistas, de os coadjuvar na imprensa.

Não senhor, tratava-se nem mais nem menos do que fazer uma peça n'um acto para elles representarem... d'ali a doze dias.

Ponderei-lhes, sem me querer desculpar, as difficuldades que havia: primeiro o eu não conhecer nenhum d'elles, não saber o que elles seriam capazes de fazer em theatro.

Tambem elles não sabiam, nunca tinham representado na sua vida.

Depois o pouquissimo tempo que havia para fazer a peça, para a estudar, para a ensaiar.

— Temos o actor Valle que se nos offereceu para nosso ensaiador, responderam-me.

Era já uma grande coisa: a boa vontade d'elles e o Valle a ensaiar era meio caminho andado.

Era uma rapasiada; sorriu-me o ir ser novamente rapaz durante uma semana, e disse-lhes logo que sim.

No dia immediato communiquei-lhes a idéa da peça, apenas um pretexto para cada um d'elles fazer a sua coisa, mostrar as suas habilidades e elles collaboraram comigo escolhendo o que deviam fazer, um o João de Gonta recitava os *Gatos* em que imitava Augusto Rosa, outro, o Illydio Amado, cantava de soprano, e estava portanto indicado para ingenua, outro o Pinto sabia na ponta da liugua a tragedia de João da Camara, do *Burro do sr. Alcaide*.

Era o bastante, estava prompta a peça. No dia immediato sabbado, a farça estava nas mãos d'elles, na segunda feira á noite fazia-se no theatro de S. Carlos o primeiro ensaio e d'ali a oito dias representava-se o *Ensaio da festa* com um successo colossal para todos elles, para João de Gonta o filho mais velho do eminente poeta Thomaz Ribeiro, que é magnifico na recitação dos *Gatos*, para Amado, que alcançou uma ovação enorme na Habanera da *Carmen*, para Pinto, que fez com graça os papeis de Cinira e Fantony na *tragedia* do *Burro*, para Penteado que se transformou n'uma velha caricata de primeira ordem, para Taveira que fez um bello gallego com um nariz valentinico que fazia pensar no café Martinho, para Saldanha que arranjou um bello typo de elegante do Beco dos Biguinhos, para Padua que accumulou com as funcções de mercieiro as de acompanhador ao piano, para Lopes que parecia um verdadeiro commendador, com uma verdadeira commenda que lhe foi entregue no ensaio geral, solemnemente, pelos seus collegas, com o côro do sabre da *Gran Duqueza*.

E todos elles se houveram com tão bom humor, com tanta graça despertenciosa e com tanta jovialidade sincera, que essa rapasiada alcançou no primeiro theatro do paiz, pelos preços elevados dos espectaculos lyricos, perante um auditorio de casaca e de gravata branca, um exito enorme de applausos e de gargalhadas, como se se estivesse n'um theatrinho pequeno de provincia, perante um publico de batinas e gorros.

E os primeiros a applaudirem os rapazes com enthusiasmo, e a rirem a bandeiras despregadas com as suas partidas foram El-Rei, e as duas Rainhas, que se conservaram no theatro até ao fim do espectaculo, que acabou perto da uma hora da noite, e que de pé no seu camarote estiveram applaudido freneticamente os estudantes durante as successivas chamadas que lhes foram feitas.

A parte musical e litteraria que constituiu o resto do espectaculo foi muito interessante, muito distincta, tornando-se notavel a marcha de Croëte, executada magistralmente a dois pianos pelos srs. marquez de Fronteira e Rey Collaço, as scenas comicas de Taborda, de Valle e de Silva Pereira, e o grupo de guitarristas.

*
* *

A *Trindade* teve um successo com a *Menina do Telephone*, um vaudeville em tres actos que teve certo exito em Paris onde *la demoiselle* do telephone é conhecida, mas que o não teria decerto em Lisboa onde nada d'isso se conhece, se não fosse a brilhante estreia da actriz que fez o papel de protogonista.

Chama-se Augusta Cordeiro essa nova actriz e depois da estreia de Lucinda do Carmo nunca vi estreia mais brilhante e mais p ometteddora que a de Augusta Cordeiro.

Tinham-me dito muito bem d'ella, tinha lido nos jornaes as mais lisongeiras apreciações da nova actriz, fui para o theatro da Trindade esperando muito, mas devo confessar que Augusta Cordeiro excedeu a minha espectativa e foi muito além do muito que d'ella ia esperando.

E' que realmente entre as nossas melhores actrizes, mesmo aquellas já feitas e que occupam logar proeminente no theatro, não ha muitas que se possam pôr ao lado d'essa que debutou agora no theatro da Trindade.

Augusta Cordeiro sem ser precisamente uma belleza tem uma bella cara para a scena, é sympathica, é insinuante, tem uma physionomia muito expressiva muito animada; uma voz excellente, figura elegante, graciosa, boas attitudes sem maneirismo nem preoccupação de pose, gesto largo, franco, apropriado, em suma todo o estofo d'uma boa actriz.

O successo da *Menina do Telephone* foi devido a ella, que é o personagem importante da peça, personagem a que imprime a vida, a animação, o encanto d'uma actriz franceza.

E' claro que tem defeitos ainda, que o seu trabalho artistico não é de todo completo, que aqui e ali ha hesitações, mas n'ella tudo faz advinhar a boa actriz d'ámanhã, e se estudar, se trabalhar com vontade, se tiver quem a ensine com sciencia e com consciencia, se não se deixar entontecer pela primeira victoria, se não se encher da vaidade e da pretensão que tem perdido muito talento prometedor, estamos certos que dentro de pouco tempo o theatro portuguez terá mais uma bella actriz, coisa de que elle coitado, bem precisado está, porque as boas vão rareando, vão desapparecendo ou envelhecendo e as poucas novas que apparecem estão geralmente muito longe de ser boas.

*
* *

No theatro de D. Maria houve uma peça nova, que a empreza esperava que fosse um grande acontecimento artistico, mas que falhou segundo todos nos affirmam—a *Griselia* de Armand Sylvestre e Morand, traduzida excellentemente pelo sr. conde de Monsaraz.

A *Griselia*, Griselidis, em francez, teve em Paris um grande successo litterario, que foi tambem até certo ponto um successo de dinheiro, mas nem todos os *successos* de Paris se pódem transportar para Lisboa e muito menos quando, como com a *Griselidis*, se dão em Paris circumstancias muito especiaes que em Lisboa se não dão.

Em primeiro logar a Griselidis não é uma peça de theatro.

Não a vi representar ainda, mas li-a nos bellos versos em que o conde de Monsaraz a traduziu para portuguez, e na mesma noite em que ella se representava pela 1.ª vez em D. Maria estava eu lendo a esplendida traducção do Monsaraz, que n'esse mesmo dia foi posta á venda, editada pelo livreiro Gomes, do Chiado.

Li-a com todo o interesse, com todo o encanto com que se lê uma deliciosa phantasia litteraria, uma formosa lenda, mas ao mesmo tempo que me estava deliciando com a sua leitura estava a advinhar o desastre que esperava no theatro essa Griselia que não é nada theatral, que não tem acção, que não tem enredo, que não tem situações, que não tem nenhuma d'essas coisas que pódem fazer triumphar uma peça perante o publico.

E' um primor, a Griselia, é um trabalho litterario delicadissimo, mas não é de fórma nenhuma um trabalho theatral.

A critica parisiense disse isto mesmo da peça quando ella se deu na comedia franceza, e até se admirou do successo que lhe fez o publico, successo perfeitamente inesperado, e que teve a sua explicação primeiro, no interesse que tem para Paris a lenda da *Griselidis*, lenda lá conhecidissima, popularissima e que tem sido tratada por centenares de poetas, de contistas, e de maestros, depois no desempenho excepcional que tiveram todos os papeis, depois na belleza extranha dos versos de Armand Sylvestre que de contista mais gaulez que hoje tem a França se metamorphoseou na *Griselidis* n'um poeta delicadissimo, depois ainda na *mise-en-scene* extraordinaria que teve a peça e que dava a cada uma das suas scenas todo o feitio das illuminuras antigas d'um velho missal precioso.

Do effeito que a peça faz no theatro de D. Maria nada posso dizer porque ainda não assisti á representação da *Griselia*, parece porém que esse effeito não foi lá muito grande, porque a peça não teve o exito que teve em Paris o que não admira nada porque a lenda da Griselia era inteiramente desconhecida entre nós, não tem o mesmo interesse de velha tradicção, que tem em França, como ali não o teria a ressurreição d'um auto de *Gil Vicente* e porque, repetimos, a *Griselia* será tudo que quizerem menos uma peça theatral.

*
* *

Outra novidade e que fez grande bulha no nosso mundo theatral foi a peça do sr. Abel Botelho *Os Vencidos da Vida*, que se representou pela primeira vez no theatro do Gymnasio, na noite do beneficio da gentil actriz Beatriz Rente.

Não podémos assistir á primeira representação d'essa peça e como em virtude da prohibição da policia essa primeira representação foi ao mesmo tempo, até agora, ultima, não vimos a nova peça do festejado auctor da *Jucunda* cujo brilhante talento fomos dos primeiros a reconhecer, reconhecendo-lhe ao mesmo tempo os principaes defeitos.

D'esses defeitos o maior, apontámol-o aqui quando ha annos tratámos da *Jucunda* a sua primeira peça, que triumphou; é a preoccupação da audacia.

Dissémos então, se bem nos lembra, que Abel Botelho tem a paixão da audacia levada quasi á monomania e que se entretem a amontoar difficuldades a inventar perigos sobre perigos, perigos absolutamente desnecessarios e unicamente arranjados pelo prazer de ser audacioso, como um

homem que morasse n'um *rez-de-chaussée* e que para entrar em casa em vez de ir serenamente pela porta subisse ao telhado e se mettesse pela chaminé abaixo unicamente para fazer uma entrada arrojada.

Na *Jucunda* Abel Botelho sahiu-se bem da gymnastica e entrou a são e salvo pela chaminé; parece, pelas informações que temos, que nos *Vencidos da Vida* foi menos feliz e não conseguiu vencer as difficuldades que a sèu bel-prazer amontoou no seu caminho.

Seja como fôr o que é certo e que a auctoridade fez o que ha muitos annos se não faz nos nossos theatros—prohibiu a representação da peça por offensas á moral.

Como não vimos a peça não podemos apreciar as rasões que a auctoridade teve para esse procedimento, mas, para a moral publica que tão escalavrada tem sido ha tantos annos por esses theatros, se sentir agora offendida, é que as offensas devem ser de bom calibre.

A empreza do theatro do Gymnasio recorreu da prohibição da auctoridade para a commissão de censura, que ha annos foi nomeada pelo governo, censura facultativa, a que ninguem até agora tinha recorrido e que deve ter ficado muito admirada com esse bico d'obra que de repente lhe cahiu em casa.

E não menos admirado devia ter ficado o sr. Ministro do Reino, que é presidente nato d'essa commissão, ao ver se de repente enfileirarem-se ao lado dos operarios sem trabalho, da crise financeira, da reorganisação dos serviços publicos, da rehabilitação do credito nacional, os *Vencidos da Vida*, e pedirem exame á sua moralidade. Era o que faltava ao governo no meio da crise que atravessamos!

A commissão já reuniu mas até ao momento em que escrevemos não é conhecida ainda a sua opinião sobre o assumpto e por isso ignora-se se os *Vencidos da Vida* voltarão de novo á scena ou ficarão *vencidos da vida e da policia*.

Se voltarem á scena iremos vel-os e d'elle diremos o que nos parecer com a sinceridade com que sempre escrevemos, com a imparcialidade a que tem direito o talento notavel e que tanto apreciamos, de Abel Botelho.

Gervasio Lobato

LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

I

Já lançámos as flores da saudade sobre o tumulo apenas acabado de fechar do grande orador e do illustre estadista, que o paiz acaba de perder no momento em que mais necessario é que se concentrem e que se unam todas as intelligencias para salvar uma nacionalidade que parece ir a pique. «Reunindo-se os homens de todos os partidos para lamentar a morte de Lopo Vaz dissemos, mostram os seus adversarios não só que todos os resentimentos fenecem perante a campa, não só que debaixo das increpações mais apaixonadas da lucta politica está sempre vivo o sentimento da justiça, mas tambem que temos todos a consciencia de que no momento doloroso que a patria atravessa, a perda de um homem como Lopo Vaz significa apenas mais uma probabilidade para o naufragio, mais um triumpho para a fatalidade.»

Hoje, aqui no OCCIDENTE, repositorio menos ephemero do que as folhas diarias, não faremos senão consignar os traços capitaes d'essa existencia tão curta e tão brilhante. Não promettemos uma biographia definitiva, mas emfim aqui deixaremos os elementos principaes para os que vierem depois erguer á memoria de Lopo Vaz um monumento mais duradouro.

Lopo Vaz de Sampaio e Mello nasceu em Traz-os-Montes, na povoação de Gouvinhas, no concelho de Sabrosa, districto de Villa-Real, a 29 de setembro de 1848. Tinha por conseguinte, quando falleceu, a 20 de março de 1892 quasi quarenta e tres annos e meio.

Como o seu nome indica, pertencia a uma das familias mais aristocraticas de Portugal, á casa de Espinhosa, familia que contava entre os seus membros homens como o grande governador da India, Lopo Vaz de Sampaio, o predecessor de Nuno da Cunha.

Deu-se positivamente em Lopo Vaz um dos phenomenos do atavismo. A alma do seu antepassado pareceu renascer no espirito do nosso contemporaneo. Elle sorria-se frequentemente quando alguem punha em relevo esse facto, conhecia bem a historia do governo do seu homonymo, e defendia-o calorosamente contra as accusações de muitos historiadores.

Effectivamente o illustre governador da India foi sobretudo um politico, habil e astucioso como o seu descendente. D. Vasco da Gama fôra governar a India, lá morrera, succedera-lhe D. Henrique de Menezes que ia designado nas cartas de successão, morrera este tambem, e as cartas de successão designavam Pedro Mascarenhas governador de Malaia. Não estando este em Goa n'esse momento, abriram se ainda outras cartas de successão, e encontrou-se o nome de Lopo Vaz de Sampaio, que era capitão de Goa. Tomou posse do governo pacificamente, entendendo todos que este governo era simplesmente interino, e que elle o entregaria a Pedro Mascarenhas, logo que este chegasse, o que não tardaria por que immediatamente o tinham mandado avisar. Emquanto porem exerceu interinamente o governo, por tal forma se soube assenhorear dos espiritos, por tal modo conseguiu constituir partido que Pedro Mascarenhas achou-se, quando chegou, abandonado por quasi todos. Travou-se então lucta entre os dois pretendentes ao governo, nomeou-se um jury de doze membros para resolver a questão, dando-se a um decimo-terceiro sujeito o voto de desempate no caso d'esse voto ser necessario. Triumphou Lopo Vaz, que era exactamente o que succederia ao seu descendente em circumstancias semelhantes, e quantas vezes n'ellas se encontrou! Nas luctas modernas o que faltava era o elemento de violencia que acompanhava sempre as contendas do seculo XVI. Mas para essas tambem não era pêco o ascendente do nosso illustre contemporaneo. Se havia nós que não podesse desatar com os seus finos ardis, cortava-os com a espada que muitas vezes floreou com gloria ao sol das batalhas.

O descendente do governador da India deu signal em criança de que seria um vivo e brilhantissimo talento. O pae acariciou a idéa de o doutorar. Partiu muito novo para Coimbra o futuro ministro, e no primeiro anno pensou mais em gozar a sua liberdade de estudante do que em seguir as aulas. Não tardou a recuperar o terreno, tornando-se em breve distinctissimo e alcançando os primeiros premios. Um dos amigos mais intimos de Lopo Vaz contava que o conhecera pela primeira vez, indo assistir a uma sabbatina na aula do dr. Manuel Emygdio Garris. Este dividia o curso como um parlamento, dava a alguns dos seus estudantes o papel de defensores dos projectos de lei do governo, aos outros o papel de membros da opposição. O nosso informador entrava quando a discussão estava mais viva. O supposto relator era um rapaz muito magro, bastante corado, de olhos grandes, negros e cheios de luz. O supposto projecto era atacado por um estudante que passava por ser um dos primeiros do curso; mas quando o *relator* replicou foi por tal forma brilhante a replica e irrespondivel a argumentação, que o visitante, voltou-se para um seu companheiro de tribuna, perguntando-lhe: «Quem é este magrizella que é levadinho da bréca?»

—E' um rapaz de Traz-os-Montes, que se chama Lopo Vaz de Sampaio e Mello.

—Pois ha-de ir longe o rapazinho.

E foi.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA OBRA D'ARTE

O OCCIDENTE publica hoje a gravura do bello torreão executado em pedra vidraço pelo distincto artista o sr. Eduardo Cypriano dos Santos.

Tornando conhecida esta obra d'arte, honra-se muito este jornal, que durante toda a sua longa existencia tem dado provas de prestar sempre culto ao trabalho nacional, e tanto mais que no caso presente, esta obra grandiosa foi produzida em condições verdadeiramente excepcionaes.

O artista que a executou é tambem o seu auctor, e empregou n'ella todos os momentos que deveriam ser destinados ao descanço. Durante doze annos, pôz de parte o gozo e quasi o impreterivel descanço e empregou todo o tempo que a officina lhe deixava livre para se entregar ao admiravel trabalho agora concluido.

Mais de 700 dias consumiu assim este incansavel artista, e basta este facto para demonstrar cabalmente quanto amor pela arte e pelo trabalho professa o auctor d'esta obra.

Daremos alguns traços tanto da obra como do seu auctor:

A OBRA

O torreão, no estylo das construcções da edade media, tem $0^m,90$ d'altura e $0^m,32$ na sua maior largura. E' formado por cinco corpos que diminuindo successivamente de dimensões, apresentam no todo a linha pyramidal. Sobre cada arco das faces uma cortina d'ameias liga se a uma escada exterior que dá serventia aos botareos que formam os angulos, isto no primeiro corpo; nos restantes, diversas setteiras, ameias e botareos rigorosamente talhadas conforme o estylo, dão nascimento a caprichosas janellas por entre as quaes se desenrola a escada que dá serventia aos differentes andares até terminar no remate do torreão em forma de minarete.

O desenho é correcto e a execução é, em todos os promenores, o mais primorosa possivel. Sem receio de desmentido, pode affiançar-se, que seria impossivel exceder-se a perfeição com que tudo está feito.

O sr. Eduardo Cypriano dos Santos merece por esse facto os maiores elogios e revelou-se n'esta obra um artista de primeira ordem, que muito honra o paiz e especialmente a classe a que pertence.

O auctor destina esta obra primorosa á venda, e decerto que bem digna seria de figurar em qualquer museu nacional ou na galeria de algum amador das bellas artes, que embora em pequeno numero, ainda felizmente, existem no paiz. Lastima seria, e quasi uma vergonha nacional, se, por qualquer eventualidade, fosse figurar em paiz estrangeiro.

O ARTISTA

O sr. Eduardo Cypriano dos Santos é um dos primeiros officiaes de canteiro das bem conhecidas e acreditadas officinas dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos sitas em Lisboa, na rua 24 de julho.

Nasceu em Lisboa em 1842; filho de Joaquim Antonio Henriques dos Santos, que foi chefe de uma repartição dos correios, achou se orphão de pae em 1852, tendo apenas 10 annos Sua mãe a sr.ª D. Marianna Salomé da Costa Santos, poude com enormes sacrificios sustental-o e a mais cinco irmãos, valendo-se de uma pequena pensão que seu marido lhe legára, sendo forçoso comtudo mandar ensinar a seus filhos um officio para os tornar homens uteis, como felizmente conseguiu. O nosso biographado seguio o officio de canteiro e em 1856, dava entrada como aprendiz na, hoje extincta officina de Antonio Julio, na Calçada do Marquez d'Abrantes. Em 1857 era admittido na antiga officina Fidelis, então da Viuva Baldy, aonde se conservou até 1859. N'essa epocha, e procurando sempre adeantar-se no seu officio passou aos *ateliers* da Academia de Bellas Artes afim de mais facilmente poder frequentar as aulas nocturnas d'aquelle estabelecimento.

Uma vez ali, soube pela sua assiduidade e reconhecido merito, captar a sympathia do esculptor Assis, director, n'essa epocha, da academia, conseguindo assim adquirir muitos conhecimentos da arte. Por pedido d'este illustre professor foi em 1861 recebido nas officinas do sr. Antonio Moreira Rato, chefe da firma actual, as quaes já n'essa epocha eram justamente consideradas das primeiras do paiz.

N'estas officinas se conserva ainda, devendo dizer-se que os seus mestres tem por elle as maiores considerações apreciando-o mais como amigo do que como empregado.

Em 1805, tendo a casa dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos contractado o fornecimento de grande parte das cantarias para a reconstrucção do edificio da Real Casa Pia de Lisboa, cantarias que tinham de ser artisticamente trabalhadas no estylo *Manuelino*, foi ao sr. Eduardo Cypriano dos Santos que escolheu para encarregado do telheiro que ali teve de estabelecer.

Grande numero de trabalhos primorosos produziu então o nosso biographado, a maior parte dos quaes foi destruida pela derrocada que em 1878 inutilisou o corpo central d'aquelle monumento, e pena foi, porque realmente, além da grande perda de vidas e de valores, foi tambem uma grande perda para as artes, porque muitos d'esses trabalhos e, notavelmente a grande janella interior da escada principal, attestariam aos vindouros o elevado grau d'aperfeiçoamento a que chegou n'esta epocha, a industria de canteiro. Aquelle corpo central, em que tanta actividade e cuidado dispendeu o nosso biographado, ia sendo a sua sepultura! Na occasião da derrocada achava-se proximo d'aquelle local e apenas por um metro de distancia que não é colhido sob as suas ruinas, vendo ainda cahir a seu lado, sem vida, alguns seus companheiros!

Depois d'este desastre e tendo por esse facto, parado os trabalhos de reconstrucção d'aquelle edificio, foi o sr. Cypriano dos Santos a pedido do distincto architecto Cinatti, incumbido de dirigir os trabalhos de cantarias do palacete do sr. Antonio Anjos, em Cintra, e de como se desempenhou de tão difficil tarefa, são prova evidente os honrosos attestados que o proprietario e o architecto lhe passaram, nos quaes se tecem os maiores elogios á sua assiduidade e ao seu merito.

Regressando á officina dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos, tem collaborado em quasi todas as obras mais importantes que aquella acreditada casa tem produzido. Poderiamos citar muitas obras de subido merito ali feitas, não só com destino ao Brazil como tambem para Lisboa e provincias, mas recordaremos apenas como notaveis as seguintes:

Predios na Avenida da Liberdade pertencentes aos srs. Francisco Conceição Silva e Dr. Barata Salgueiro, e o palacete na Praça do Principe Real pertencente ao sr. José Antunes Martins; jazigos dos srs. Sebastião Pinto Leite (actual conde de Penha Longa) e conselheiro José Maria Eugenio d'Almeida, em Lisboa, e do sr. José Maria Ramalho, em Evora.

Terminando damos os parabens ao sr. Eduardo Cypriano dos Santos pelo excellente trabalho que produziu e fazemos votos para que encontre entre nós quem devidamente recompense os seus esforços adquirindo uma tão notavel obra d'arte.

AFRICA PORTUGUEZA — TETE

É das mais antigas villas occupadas pelos portuguezes logo que aportaram a Moçambique, no seculo XVI. Da sua instalação dá noticia Francisco Barreto, em 1569, quando realisou uma expedição ao Monomotapa, e o padre Monclaio, tambem a ella se refere, na sua relação de viagem.

Quando em 1608 o governo de Portugal encarregava o conde da Feira de dirigir a construcção de fortes na provincia de Moçambique, referia-se a Tete como ponto principal.

Chronicas anteriores áquella data, dão noticia de uma expedição de Tete, commandada pelo capitão Pedro Fernandes Chaves, que foi em soccorro do capitão de Sena. As relações com o imperio de Monomotapa, que foram importantes até ao desmembramento d'este potentado, tinham por centro Tete e Sena, e estas duas villas foram um nucleo de civilisação d'aquella parte d'Africa, mercê da sua riqueza que permittiu o estabelecimento de muitos portuguezes e missionarios dominicanos, que estenderam a sua influencia pelo sertão, levando as luzes do christianismo. Foi baptisado em Tete um filho do imperador de Monomopata, o qual veio depois a ser frade n'um convento de Gôa.

Tete está situada em terreno elevado, na margem direita do rio Zambeze, em logar salubre.

E' das regiões mais ricas em mineralogia desde o carvão até ás pedras e metaes preciosos e outros productos naturaes, como o linho, o algodão e o anil, que nascem espontaneamente e em abundancia. O ferro é de primeira qualidade; quando quente é maleavel como o chumbo, e depois de frio adquire a rijesa do aço. O café cria-se admiravelmente assim como a cana de assucar, o tabaco que é magnifico, e a farinha de mandioca produz em abundancia.

O trigo, o milho, o arroz e legumes são dos melhores, e todas as arvores de pomar desenvolvem-se sem cultura, como a larangeira, os limoeiros, cidreiras, acajueiros, limeiras, goiabeiras e muitas outras.

As arvores da borracha criam-se livremente, e

UMA OBRA D'ARTE — Torreão delineado e executado em pedra vidraço pelo sr. Eduardo Cypriano dos Santos

(Segundo photographia do sr. J. M. da Silva)

bem se póde dizer que n'esta região a natureza reuniu todas as producções naturaes das differentes zonas e climas.

Vê-se, pois, que tanto á villa de Tete como á de Sena, de que nos occupámos em o numero antecedente, só faltam meios de communicação faceis e braços, para ser um dos primeiros imporios commerciaes e industriaes d'Africa Oriental.

A natureza não podia ser mais prodiga ao dotar esta terra com tantas das suas mais apreciaveis riquezas, resta apenas sabel as aproveitar.

Apesar, porém, de todos estes elementos de riqueza natural Tete e Sena estão longe da prosperidade que uma boa colonisação lhes poderia dar, mercê do abandono a que por tantos annos se deixaram as nossas possessões d'Africa.

Faz pena vér tantas riquezas despresadas, e quando se attenta n'isto, não podemos deixar de dar razão a que estrangeiros queiram aproveital-as.

Quanto seria o nosso bem, se os governos d'este paiz, em vez de se gastarem na mizera e nogenta politica caseira, tivessem alargado as suas vistas para o paiz africano, encaminhando para ali uma corrente de emigração e de melhoramentos que permittissem uma vasta exploração proveitosa, com que beneficiassem aquellas regiões, e a mãe patria.

A todo o tempo é tempo, e cuide-se da nossa Africa em quanto lhe achamamos nossa. Ha quinze annos que assim o estamos prégando nas columnas d'este periodico.

AFRICA PORTUGUEZA — TETE

(Segundo uma photographia)

VELOCIPEDE AEREO

Temos conservado os nossos leitores ao facto das differentes soluções propostas para resolver o problema da navegação aerea.

No concurso de velocipedes aereos, os mais apurados são: *Helicoptère*, *Orthoptère* e o *Aeroplane*.

D'estes tres systemas o que faz actualmente o objecto dos mais numerosos trabalhos e o que conta o maior numero de partidarios é incontestavelmente o *Aeroplane*.

Não podemos fazer melhor do que dar aos nossos leitores um esboço do estado actual da questão e citar alguns pontos interessantes do estudo que tem feito M. Drzewiecki na *Revista geral das sciencias*.

O Helicoptère, ao qual pertencem os apparelhos representados pelo nosso primeiro desenho, é baseado sobre o emprego de um ou mais helices de eixos verticaes ou ligeiramente obliquos accionados por um motor proprio; esses helices são destinados a suster no ar o apparelho e a fazel-o avançar.

O segundo typo de velocipede, *Orthoptère* repousa sobre a imitação directa do vôo do passaro: consiste em empregar 2 ou 4 azas horisontaes ou ligeiramente inclinadas, postas em movimento por um ligeiro motor e que devem alternativamente elevarem-se e abaixarem se para suster o apparelho no ar.

E' sobre este principio que se tem construido bastantes jogos mechanicos.

Esta concepção do vôo do passaro era falsa como o tinha estabelecido os trabalhos de Mr. Marey e foi em 1885 que pela primeira vez se ennunciou d'uma maneira explicita e desenvolvida.

Era preciso observar se o vôo dos passaros se acha de accordo com as deducções da theoria *aeroplane*. Eis o que ha n'este estudo:

Uma superficie plana avançando horizontalmente e encontrando o ar n'uma certa incidencia prova da parte d'este uma resistencia normal ao plano; a resistencia é derivada da dimensão da superficie e da velocidade de avançamento e do angulo sobre o qual o ar vem ferir o plano o qual se pode decompor em outras duas forças, uma vertical opposta á direcção do centro de gravidade (sustenção) a outra horizontal opposta á direcção de movimento (resistencia e avançamento). Estes dois compostos se deduzem facilmente da resistencia normal pelo principio da composição das forças.

A primeira figura representa o primeiro apparelho cujo ensaio não deu resultado satisfatorio. Construido de madeira e ferro com engrenagens muito complicadas, nem mesmo podia dar resultados praticos. Está actualmente exposto no palacio de Bellas-Artes no Campo de Marte.

A figura 2 representa o segundo apparelho que está actualmente em construcção e cujo ensaio será d'aqui a pouco.

O outro apparelho contem 2 helices emquanto que este sómente tem um que serve para fazer andar o apparelho, e alem disso este systema tem tambem um leme, que no outro não existe, e que serve para dar a direcção e por consequencia a corrigir o movimento giratorio, que todo o apparelho tende a tomar, seguindo o movimento de rotação do helice ascencional. Este ultimo velocipede tem muito mais probabilidades de bom resultado.

GRISELDA

LENDA PIEMONTEZA

I

O CELIBATARIO

Houve na Lombardia, nos confins do Piemonte, um nobre e antigo solar, a que chamaram *terra de Saluces*, cujos senhores usaram sempre do titulo de marquez.

De todos esses fidalgos, o mais nobre e poderosos foi Gualter.

Bello, de figura distincta, favorecido de todos os dotes da natureza, Gualter tinha todavia um *grande defeito:* gostar demasiadamente da sua liberdade de solteiro e não queria ouvir por modo algum fallar de casamento.

Mui pesarosos e cheios de cuidado estavam com isto os seus barões e vassallos, e um dia, depois de se terem reunido em longa conferencia decidiram entre si enviar-lhe uma deputação.

Com effeito, no dia seguinte, os barões diri giram se ao castello e, procurando o marquez de Saluces fallaram-lhe do seguinte modo:

— Nobre marquez, nosso unico amigo e querido senhor. E' o grande amor que consagramos a V. Ex.ª que nos inspirou a ousadia d'aqui nos apresentarmos para lhe fallar. Desculpae-nos, illustre senhor, mas tudo quanto diz respeito a V. Ex.ª é para nós de tão subido apreço, é tanta a nossa felicidade em termos por amo tão nobre senhor que não podemos deixar de vir, aqui, aos seus pés, implorar-lhe uma graça especial. Senhor nosso: os annos passam, voam, e não tornam mais. Comquanto é certo estar ainda V. Ex.ª na flôr da edade, a velhice, todavia, e a morte, da qual ninguem é isento, veem de dia para dia approximando-se. V. Ex.ª não ignora que os seus vassallos nunca lhe tem recusado a devida obediencia nem a mais inteira submissão. Receiando comtudo pelo futuro d'este velho solar, elles veem supplicar ao seu bom senhor e amo que lhes conceda uma honra. Essa honra é a de lhe procurar uma dama de alto nascimento, formosa, cheia de prendas e de virtudes, e que seja em tudo a sua digna esposa. Concedei pois, sr. marquez, concedei essa graça aos vossos fieis subditos afim de que, se por infelicidade — que tal Deus não permitta — vos acontecer algum infortunio, elles não fiquem condemnados a deixar de ter ao seu lado um illustre descendente e um digno successor d'aquelle que tem sido

para com elles o mais benigno e o melhor dos soberanos.

Commoveu-se Gualter ao ouvir este arrasoado, cheio de franqueza e, enternecido, respondeu affectuosamente:

— Meus bons amigos: é verdade que tenho gostado de disfructar essa liberdade que se experimenta na minha situação e que só se perde pelo casamento, a julgar pelo que tenho ouvido áquelles que teem cahido no laço, mas, emfim, já que os meus fieis subditos o desejam, prometto-lhes tomar mulher e espero da bondade de Deus que elle m'a dê tal que eu possa viver com ella: completamente feliz. Antes d'isso preciso, porém, que egualmente os meus amigos me façam uma promessa; é ella que seja qual fôr a mulher que eu escolha, feia ou formosa, rica ou pobre, jámais deixeis de a honrar e respeitar como vossa soberana, e que não haja nenhum d'entre vós que ouse rir-se da minha escolha ou d'ella murmurar.

Prometteram os barões observar strictamente o que seu amo e senhor lhes pedia e agradeceram a deferencia á sua petição. Depois... fixou-se o dia para as nupcias, e tudo ficou estabelecido.

Escusado é dizer que esta nova foi recebida em todo o paiz de Saluces com o maior alvoroço, e a alegria foi geral.

II

A FILHA DO ALDEÃO

Ora a pouca distancia do castello havia uma pequena aldeia onde viviam alguns trabalhadores do campo. Por essa aldeia passava de ordinario o marquez quando, para se distrahir, ia á caça. Entre aquelles pobres trabalhadores achava se um velho chamado Janicola, fraco e enfermo, e que já não podia andar.

E' muitas vezes na mais humilde choupana que repousa a benção do céu. Esse honrado ancião tinha d'isso a mais evidente prova. Uma só filha lhe restava do seu casamento: chamava-se ella *Griselides*, ou Griselda, e tão formosa no corpo como formosa na alma, Griselda era um bem do céu para seu pae, um anjo tutelar, que lhe dulcificava os pesados dias da sua velhice e lhe fazia, de quando em quando, afflorar aos seus ressequidos e tremulos labios o doce sorriso da consolação!...

De dia Griselda ia apascentar as suas cabrinhas, de tarde volvendo á sua pousada, recolhia o gado ao aprisco, e, correndo em seguida pressurosa até junto de seu velho pae, ia preparar-lhe a parca refeição, depois ajudava-o a recolher-se ao seu estreito e pequeno grabato, e tudo ficava no silencio.

Todos os serviços e cuidados que uma boa filha deve a seu pae, a virtuosa Griselda empregava com o velho Janicola.

Havia já muito tempo que o marquez de Saluces tinha sido informado pela voz publica das raras qualidades e proceder respeitavel d'essa filha do povo. Elle proprio, ao ir á caça, se tinha certificado; havia observado a solicitude e carinho filial d'essa humilde aldeã; havia contemplado a innocencia e a candura que transparecia n'aquelle rosto ingenuo, e, então elle, o potentado, o senhor absoluto de todos aquelles dominios, dizia de si para comsigo, que se um dia houvesse de escolher esposa, ella não seria outra senão Griselda.

III

O CASAMENTO

Entretanto chegou o dia que o marquez de Saluces havia destinado para os seus desposorios.

O palacio achava-se repleto de damas, de fidalgos, de burguezes e de muitas pessoas de todas as classes, mas por mais que todos perguntassem uns aos outros quem era e aonde estava a noiva ninguem sabia responder.

Então appareceu o marquez e, como se quizesse ir ao encontro da sua futura esposa, sahiu do palacio, sendo para logo seguido por toda a comitiva de damas e cavalheiros.

Gualter encaminhou-se para a aldeia onde residia Janicola, entrou na choupana, e disse ao velho, que, aturdido não sabia a que attribuir a presença de tão alto personagem:

— Janicola, sei que sempre me tens amado e hoje venho exigir de ti uma prova.

— Ordenae, meu senhor.

— Desejo que me concedas tua filha em casamento.

Janicola ficou estupefacto, mas respondeu humildemente.

— Meu senhor, sois vós o meu soberano e eu o vosso mais humilde subdito; devo portanto querer o que vós quizerdes.

A joven aldeã confusa e envergonhada estava de pé, junto a seu pae. A sua perturbação era extrema... Não estava habituada a receber em sua casa hospedes de tão elevada jerarchia.

O marquez dirigiu-lhe a palavra:

— Griselda — diz-lhe — quero recebel-a por minha esposa; seu pae consente n'isso e lisongeiome de obter egualmente o vosso consentimento, mas, antes d'isso quero que me responda a uma pergunta que ante elle lhe vou fazer. Eu desejo uma mulher que em tudo me seja submissa, que não queira senão o que eu quizer, que, sejam quaes forem os meus caprichos, as minhas ordens, esteja sempre prompta a executal-as e a obedecer-me. Ora diga-me: consente em observar estas condições se fôr minha mulher?

Griselda respondeu:

— Senhor meu, pois que tal é a vossa vontade, juro que não farei nem quererei senão o que vós quizerdes ou tiverdes na conta de ordenar-me, e, quando mesmo essa ordem fosse a minha propria morte, eu vol-o prometto soffrel-a-hei sem o menor queixume.

— Basta — diz o marquez.

E dando o braço a Griselda sahiram ambos da choupana.

Ao chegarem junto dos barões e toda a mais comitiva, o marquez lhes disse apresentando-lhes a aldeã:

— Meus amigos: eis aqui a minha mulher; eis aqui a vossa soberana, e peço-vos para ella tanto amor, respeito e veneração como me tendes a mim proprio.

A estas palavras elle a fez conduzir ao palacio onde as aias a despojaram dos seus vestidos rusticos para adornal-a com os riquissimos estofos e deslumbrantes ornamentos nupciaes. Griselda estava vermelha e toda tremula, e, na verdade, o caso não era para menos.

O casamento effectuou-se n'aquelle mesmo dia.

No palacio echoavam os harmoniosos accordes dos instrumentos musicos. De toda a parte retiniam os gritos de jubilo, e tanto os subditos, como o seu amo e senhor, pareciam todos entregues á mais franca alegria.

Até ali Griselda havia-se feito estimar pelo seu virtuoso proceder; desde aquelle momento, meiga, affavel, cheia de bondade e doçura fazia-se amar cada vez mais não só por aquelles que já a conheciam antes da sua elevação, mas tambem por todos aquelles que depois a iam conhecendo.

Não havia uma unica pessoa que não applaudisse a escolha do marquez de Saluces e a bondade, belleza e amabilidade da joven escolhida.

Ao cabo d'um anno Griselda deu a seu esposo uma filha que promettia ser um dia tão bella como sua mãe.

Ainda que o pae e os vassallos tivessem desejado que houvesse nascido um menino, houve comtudo em todo o paiz enorme regosijo e fizeram-se grandes festas por este feliz acontecimento.

IV

PRIMEIRA PROVA

Foi a menina amamentada no palacio pela sua mãe, mas, desde logo que a creança acabou de ser desmamada, Gualter, que havia muito se occupava do projecto de experimentar a docilidade de sua esposa — se bem que de dia para dia encantado pelas suas virtudes, elle cada vez mais a amasse — Gualter entrou pois nos seus aposentos, e, affectando gesto melancholico e ar perturbado, lhe disse:

— Griselda, creio que nunca te esqueceste qual foi a tua primitiva condição antes de seres elevada á posição de minha esposa. Quanto a mim quasi que d'isso já perdi a lembrança e pareceme que t'o tenho certificado pela minha amizade, da qual tens recebido tantas provas. Ha, porém, Griselda, uma cousa grave, muito grave. E que os meus barões ha um tempo para cá murmuram... Queixam-se elles abertamente de estarem destinados a tornarem-se um dia os vassallos da neta de Janicola! Calcula tu quanto tenho soffrido com isso, mas bem vês, minha boa amiga, que o meu interesse é de conservar a amizade de meus subditos e... vejo-me forçado a fazer-lhes esse doloroso sacrificio que tanto custa ao meu coração... Não obstante, nada tenho querido resolver sem te ter prevenido, e venho saber o que dizes a este respeito e exortar-te a essa paciencia que tu me promettes-te antes de seres minha esposa.

— Amado senhor meu, respondeu humildemente Griselda, sem que deixasse revelar na physionomia signal algum de dôr, vós sois o meu soberano e o meu senhor; minha filha e eu ambas vos pertencemos, e seja qual fôr a ordem que vos aprouver dar-nos, jámais cousa alguma me fará esquecer a obediencia e a submissão que vos prometti e que vos devo.

Tanta moderação e doçura assombraram o marquez, que se retirou simulando a maior tristeza, mas no fundo do coração elle estava cheio de amor e de admiração por sua mulher.

Silva Pereira.

(Continúa)

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

V

Duas horas depois d'este colloquio de lagrimas e de ternura, Samuel e sua irmã comiam, á fraca luz d'uma candêa, umas sôpas magras, adubadas com azeite.

Era a vez primeira que se alimentavam n'aquelle dia.

Quantos e quantos, áquella mesma hora, dividiriam pelos cães as fartas sobras dos seus banquetes?!...

E ainda os dois orphãos tinham umas sôpas.

Outros haveria que teriam apenas fome e maldições para o destino.

Finda a pequena refeição, o mancebo, sentindo-se fatigado, adormeceu.

Branca dependurou a candêa n'uma das ripas da derrocada parede, e recomeçou nos seus labores.

Era-lhe necessario trabalhar muito.

Samuel não deu por este novo sacrificio.

Soaram quatro horas da madrugada, e ainda a donzella labutava.

Por fim, rendida ao cançaço e á vigilia, adormeceu sobre a costura.

Era Branca uma debil creança: O excesso do trabalho começou desde logo a imprimir-lhe os seus effeitos.

A côr carminada da face cedeu rapido a esse palôr morbido, que é o sêlo das longas fadigas, do esforço e da miseria.

Samuel, despertando, poz-se a contemplar o rosto desbotado da orphã, á luz tibia e fumeante da candêa.

— Desventurada creança! monologou.—Ainda se não deitou, coitada! Oh! era necessario que Deus fosse um mytho, para que continuassemos assim! Mas Deus existe, e Deus é bom. D'aqui a poucas horas hei de entrar n'esta melancholica casa com o coração a trasbordar de jubilo, por que uma voz intima me segreda que alcançarei trabalho.

Depois levantou-se, aproximou-se de Branca e beijou-a na fronte.

Os sulcos e a palidez d'aquellas faces attrahiram-lhe os olhares, como o iman attrahe o aço.

As vistas do mancebo ficariam por muito tempo colladas n'aquelle rosto desolado, se a orphã não despertasse tambem.

Então os dois irmãos fitaram-se com ternura, e irromperam em soluços compungentes.

Durante o resto da noite não poderam servir-se d'outra linguagem por onde traduzissem melhor a saudade do passado, e o temor resultante da contemplação do porvir.

. . . .

Surge o dia.

Samuel, como um novo Ashavero, reprincipia na sua esteril peregrinação.

Debalde implora trabalho a uns e outros, e mais debalde tenta vencer o desalento que o prostra moralmente.

Ter-se-hia suicidado n'aquelle dia, se infelizmente a lembrança de sua irmã não corresse a debelar-lhe aquella febre de desespero.

— Como tudo isto é fingido e perverso! dizia elle mentalmente.—Tenho fome, negam-me o trabalho, e entregam-me inexoravelmente ao recurso do roubo, ou ao do suicidio! Terrivel dilemma! Ou o punhal dos sicarios, ou acabar com esta cruel existencia!... E a honra?... E a minha pobre irmã?... Oh! perdão... perdão, meu pae...

. . . .

Samuel chorava.

Terrivel sudario lhe desdobrára o destino na sua frente:

A morte, ou o crime!

A deshonra, ou o desamparo de sua irmã!

Por fim teve uma idéa:

— Nem serei ladrão, nem suicida. Mendigo, tambem não; Esses que me negam hoje o traba-

lho, seriam os primeiros a mandar-me trabalhar se ámanhã lhes estendesse mão pedinte !...

O mundo é isto : Complexo d'egoismo e hypocrisia.

Hóra e meia depois, estava o mancebo nas proximidades do real paço d'Ajuda.

N'esse dia havia recepção da côrte.

Os cortezãos appareciam profusamente, e sahiam vistosamente fardados do interior das suas burlescas liteiras e enormes carruagens, para o velho palacio, que, mais tarde, um terrivel incendio devorou. [1]

Entre elles notava-se um, ainda moço, em cuja face poderia lêr-se uma grande preoccupação.

Com a testa franzida, turva a vista, o labio inferior recalcado pelos dentes, interrompendo por vezes a marcha grave e cadencial, approximou-se, por ultimo, do logar onde se encontrava Samuel, o qual deu um passo para elle e dirigiu-lhe a palavra :

— Senhor duque...

O titular, como que despertando d'um terrivel pesadelo, suspendeu rapidamente a vagarosa marcha, dirigiu uns olhares d'esforçada quietação para o mancebo, e limitou-se a perguntar :

— Quem me chama ?

— Creio que já não sou conhecido por v. ex.ª, respondeu Samuel.

— Certamente... não me recordo ..

— Eu sou o orphão d'um dos seus melhores amigos...

O duque mediu com a vista o seu interlocutor, e ficou silencioso.

— Como se chamava seu pae ?

— Bernardim Barbeita d'Alencastre...

— Ah !... sim... sim...

Houve um minuto de silencio.

O cortezão contemplava o orphão, e agradecia á sua *funesta estrella* o *beneficio* de collocar-lhe na passagem mais um elemento precioso para a realisação dos seus projectos...

Depois tomou a mão do mancebo, conduziu-o suavemente para um dos angulos do grande pateo do paço, e disse-lhe a meia voz :

— Que faz aqui ?

— Esperava-o, sr. duque...

— Para que fim ?

— Para pedir-lhe protecção... morro de fome...

— Como ?!... Pois o filho d'um fidalgo... d'um magistrado sem maculas, chegou a tanto ?!...

— Assim é, senhor.

— Mas... Bernardim Barbeita...

— Morreu pobre, demittido do logar... a ensinar latim.

— Infamia !... Eu já sabia da vingança do ministro contra o honrado ancião. Coragem. Esta noite, no meu palacio dos Jeronymos.

E deixando algumas moedas d'ouro nas mãos de Samuel, subiu a polida escadaria do paço, murmurando com medonha satisfação :

— Mais um novo adepto !...

Deixemos decorrer serenamente o burlesco ceremonial.

Os ridiculos encurvamentos d'alguns servis cortezãos, e as forçadas reverencias d'outros, em presença da magestade, nada fazem á nossa despretenciosa narrativa.

Questões de etiqueta... e de despeito.

Consintamos, tambem, sem reparo, que Sebastião José de Carvalho e Mello, commendador de differentes ordens, e 1.º ministro d'El-Rei, veja com o auxilio da sua monumetal luneta o que occorre de sincero e fingido n'aquelle rapido perpassar da côrte em frente do soberano.

Sigamos antes Samuel.

O pobre moço, apenas se emancipou d'aquella especie de deslumbramento que sentiu, ao receber o dinheiro do duque, agradeceu a este, commovidamente, e metteu, quasi a correr, em direcção de casa.

Se o Hymalaia lhe tombasse aos pés, de certo o não despertaria d'aquelle sonho de delicias, que sonhára caminhando.

É que já não via o espectro da miseria a comprimir-lhe a alma com as suas mãos de ferro.

Tudo lhe sorria.

Aquellas nuvens de desconforto, que, tempo antes, lhe empanavam o coração, acabavam de converter-se em suaves rocios, que lhe davam refrigerio e que lhe adoçavam a existencia, até alli amargurada.

Era feliz.

---

[1] Depois do terramoto de mil setecentos e cincoenta e cinco, El-Rei D. José fez construir no local onde hoje se encontra o palacio da Ajuda, um extenso barracão para habitação provisoria da familia real. Este barracão, ou barracões, foram pasto das chammas no começo do actual seculo.

Chegado á desconfortavel agua furtada da Pampulha, abraçou e beijou a irmã n'um febril contentamento... n'uma alegria indizivel.

Parecia um louco.

— Branca, minha querida Branca : Deus ouviu as nossas preces: Já temos pão para alguns dias. O resto virá do céu. .

E deixando cahir algumas peças no regaço da orphã, desatou a cantar e a saltar pela saleta, que parecia mesmo uma creança.

Branca, estupefacta, ora fitava o dinheiro, ora contemplava o irmão,—perdendo por fim a *gravidade*, e indo associar-se ás manifestações pueris que elle ridentemente exhibia.

Depois d'innumeras creancices, sentaram-se ambos.

Samuel encostou o braço direito a um dos hombros da donzella, e, em tom sentimental, disse pausadamente :

— Muito soffri hoje, querida irmã. Da minha ultima peregrinação, em busca de trabalho, colhi apenas os agudos espinhos de mais um triste desengano.

O mancebo baixou a cabeça, limpou duas lagrimas que lhe rolavam pelas faces, e continuou :

— Andei como um novo Cartaphilus. Por toda a parte, onde pedi protecção em troca dos meus serviços, ouvi as mesmas palavras d'excusa, impertinentes e duras, que me cahiram no animo como se fossem grandes pesos colossaes que m'o esmagassem. Tentei suicidar-me: porém, a pungente lembrança de te deixar desamparada, appareceu como o anjo a Abrahão, para impedir o sacrificio...

Branca ouvia a tocante narrativa de seu irmão com os olhos arrasados de sincero pranto.

Samuel interrompia-se a espaços para dar livre expansão a um sentido—ai !—que vinha como que retocar aquelle quadro commovedor, que só o sentimento está á altura de reproduzir.

— No entanto, continuou elle, tinha fome, e via-te mentalmente vencida pela violencia d'um trabalho com que as tuas forças não pódem...

— Samuel... interrompeu a donzella ternamente.

— Puz então os olhos no roubo para evitar que a miseria nos anniquilasse !...

— Jesus !. . interjeiceonou a joven, horrorisada.

— Ah ! não te assustes minha amiga : Quiz Deus que teu irmão não manchasse as mãos no crime.

— Mas... balbuciou a donzella.

— Perdão, atalhou Samuel : E que caminho a seguir, quando toda a gente me abandonava, recusando-me o trabalho honrado ? Haviamos de morrer á mingua de pão, entre estas quatro paredes da nossa triste mansarda ?!... Branca : Nem sempre o roubar é um crime : muitas vezes é um dever exigido pelo direito natural, e uma virtude perante a religião que seguimos, e que condemna o suicidio. E o suicida, minha boa irmã, tanto é o que arranca violentamente a vida, como o que se deixa morrer paulatinamente á fome. .

Samuel, ao pronunciar estas palavras, tremia como finas vergonteas assopradas por um tufão.

É que a derrocada dos seus brios... da sua dignidade, estava longe, muito longe d'occorrer.

Branca, muda e immovel, assimilhava-se a uma estatua d'alabastro.

Decorreram alguns segundos de um silencio profundissimo.

Por ultimo o mancebo, abraçando a donzella, relatou-lhe tudo o que se havia passado desde que partiu para os paços de Belem, até que se encontrou com o sombrio cortezão.

(Continua)

ERRATA.—Na primeira columna da pagina n.º 71, linha 76, onde se lê *escriptos* deve lêr-se *exemplos*.

OS MEUS LIVROS

XVI

A *Guia illustrada de Lisboa e suas circumvisinhanças* é um formoso livro, bilingüe, escripto em francez e portuguez pelo nosso amigo e distincto homem de lettras, D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena.

Destaca-se este trabalho de todos os *Guias* até hoje publicados, porque é uma verdadeira obra litteraria.

D. Thomaz d'Almeida, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, é um dramaturgo já applaudido no nosso primeiro theatro de declamação, e não podia de certo fazer uma obra vulgar.

O prefacio é escripto com mão firme, principalmente na parte historica que sendo resumida diz tudo que o estrangeiro necessita saber, comquanto traga tambem algumas novidades para muitos nacionaes.

O livro é acompanhado de uma planta de Lisboa representando a cidade conforme a demarcação anterior á de 1885, porque é esta a area que o viajante tem principal vantagem em conhecer bem; n'esta planta vem indicados todos os melhoramentos da cidade e seu porto, iniciados uns, delineados outros, apenas; como a praça do Marquez de Pombal, o parque da Liberdade, a rotunda das Picoas, a avenida para o Campo Pequeno, etc.

Ha outra planta dos arredores de Lisboa, indica a nova circumvalação e as novas linhas ferreas.

A *Guia Illustrada* tem uma grande quantidade de estampas no texto, e dois bellos panoramas de Lisboa e seu rio; um, visto do castello de Almada, outro tirado do castello de S. Jorge.

O sr. D. Thomaz d'Almeida prestou um assignalado serviço ao seu paiz com este trabalho.

Quanto aos arredores, descreve de preferencia Cintra, Collares, Mafra, Ericeira, Cascaes, Bocca do Inferno, Cacilhas, Castello de Almada, Barreiro, Caldas da Rainha, Alcobaça e Batalha.

Ao illustre escriptor agradecemos o envio do seu livro, e repetimos, nunca no nosso paiz se publicou, no genero, livro mais completo nem mais util do que esta *Guia illustrada de Lisboa e suas circumvisinhas.*

* * *

Recebemos da acreditada casa editora Guillard Aillaud & C.ª um pequeno volume sob o titulo *Algumas noções de lingua e litteratura portugueza* devido á penna do nosso illustre collega e amigo Alfredo Campos, conhecido escriptor já experimentado n'este genero de trabalhos.

Este livro é destinado ás escolas secundarias, aonde decerto deve prestar um valioso serviço aos alumnos que, nos lyceus ou institutos, estudam a lingua portugueza, por isso que a obra do nosso amigo Alfredo Campos, baseada em trabalhos de mestres, bem ordenadas e bem dispostas as materias, constitue um pequeno compendio indispensavel aos estudiosos.

O preço do livro, 300 réis, está ao alcance de todos, é baratissimo, porque as difficuldades que de ordinario se antolham n'esta qualidade de livros são brilhantemente vencidas pelo nosso amigo que conhece largamente a lingua e litteratura portugueza.

Agradecendo a seus editores a remessa do livro de Alfredo Campos, recommendamol-o ao publico tambem pela nitidez da edição que muito concorre para augmentar o valor d'esta obra de instrucção.

* * *

Outro livro de Alfredo Campos : — *Pequenos contos* — é o seu titulo.

São vinte oito pequenas historias, salpicadas algumas d'essa graça portugueza que hoje vae tão esquecida, mas que ainda se abriga nas nossas provincias do norte, d'essa graça portugueza que distinguia de um modo tão sympathico a nossa nacionalidade.

A lagrima. O beijo de Margarida. O laço de fita. Olhos nas pipas. O coração. O presente do commendador. O canario. O José Lapa. O voto. A symphonia. O amor fraterno. As pombas. O violino. O poeta. A guitrra. Quem espera... O drama. O papagaio. O numero 5:384. Desapontamento. Coucurso original. Flores e amores. Recordação. Os dois amigos. O drama da viscondessa. A canção materna. O douradinho. Os pequeninos. São na sua maior parte perfis, *silhouetes* rapidos, do nosso meio, sendo incontestavelmente, os melhores contos, aquelles que se passam no Minho e Beiras, e os da parte historica anedoctica.

D'aqui enviamos ao estudioso e erudito collega a expressão do nosso agradecimento pela lembrança com que nos brindou.

* * *

Outro livro do sympathico professor Ferreira Deusdado; o auctor do *Ensino carcerario* a que tão larga e justamente se referiu O OCCIDENTE no seu n.º 464 do vol. XIV.

Agora são os *Elementos de Geographia Geral* que os delicados editores Guillard e Aillaud me enviam, do mesmo professor.

E' um livro de mais de quinhentas paginas adquado ás escolas modernas e onde rapidamente

se fica aprendendo a cartographia, nomenclatura geographica; introducção á geographia phisica; geographia phisica da Europa, Asia, Africa, America e Oceania; introducção á geographia politica; geographia politica dos povos das cinco partes do mundo, etc.

A edição é primorosa e honra sobremaneira os senhores Guillard, Aillaud & C.ª que em verdade conseguiram por meio da sua filial, na rua do Ouro, 242, n'esta cidade enriquecer, o mercado litterario portuguez com um livro muito bem feito, ornado com dezenas de gravuras de uma delicadeza de traço e nitidez perfeitas, e que, por 1$000 reis o volume, é relativamente de uma barateza extrema.

A filial em Lisboa, da casa Guillard, Aillaud & C.ª de Paris, está, de facto, prestando um grande serviço aos nossos homens de lettras.

* * *

N'um dos proximos numeros diremos algumas palavras sobre o 2.º vol. dos Serões Manuelinos, *A Segunda Duqueza* por Luciano Cordeiro, e o interessante estudo historico de Alberto Pimentel *As amantes de D. João V.*

Manuel Barradas.

REVISTA POLITICA

Parece-nos ser esta a ultima revista politica que escrevemos com a actual sessão legislativa aberta, pelo que não andámos mal avisados quando, em uma das nossas revistas passadas, dissemos que o parlamento se encerraria dentro do praso legal, se não fosse antes.

Tudo faz prever que as côrtes se fecharão no dia 2 do corrente, apesar do governo não ter feito nenhuma declaração a este respeito, limitando-se a dizer que não sabia se encerraria a sessão no dia 2, mostrando comtudo muito mais tendencia para fechar as côrtes do que prorogal-as.

Este mutismo do governo traz muitos politicos intrigados e de pé atraz, dando visos de verdade aos boatos que tem circulado e a que nos referimos em a revista passada, que depois do parlamento fechado é que haverão mosquitos por cordas, coisas de abysmar.

A imaginação indigena gosta d'estas commoções e pella-se pelo maravilhoso, ainda mesmo quando nada de maravilhoso se possa esperar.

Cresce em cada dia a curiosidade de saber quaes as grandes reformas dos serviços que o governo tem andado a forjar, para lançar aos quatro ventos, depois das camaras fechadas, e d'ahi a grande desillusão se essas reformas não corresponderem á tal curiosidade, se não satisfizerem as exigencias dos que querem vêr tudo a pão e laranjas.

Pouco viverá quem não satisfizer aquella curiosidade, e então muito haverá que contar e com que entreter o espirito, já que o parlamento não deu muito que fallar de si.

A sessão legislativa passou mansamente, apesar das questões importantes que teve de tratar, e nem o parecer da commissão de infracções, que foi favoravel ao sr. Marianno de Carvalho conseguiu que se partissem carteiras e cadeiras, não sabemos se pelo receio de ficar sem terem onde se sentar, visto que os bancos estão todos quebrados.

E não se pense que pretendemos fazer espirito com este trocadilho, não é uma figura de rhetorica mais ou menos humoristа que aqui empregamos, é simplesmente a triste realidade, cruel, tyranna que dita as nossas palavras.

Os bancos estão todos quebrados, e os que não estão correm grave risco de tambem se lhe partirem as pernas ou a espinha vergados, ao peso dos collegas coxos que se querem arrimar a elles.

Não é só a dissoluta Lisboa que apresenta de pernas para o ar o seu Banco do Povo e Banco Lusitano, o Porto tambem não quiz ficar atraz, e virou o Banco Mercantil, o qual faz ir abaixo das muletas mais tres collegas, segundo parece.

E para que ninguem diga d'este banco não comerei, o Porto que ainda ha pouco dava conselhos de moralidade na administração ao governo do sr. D. Carlos, vem pedir ao governo do mesmo senhor que accuda aos seus bancos, não sabemos bem com quê.

O que é certo é que um mal nunca vem só, e que os ratos de tal modo tem ruido este machinismo, que não se contentando com o azeite, foram roendo as engrenagens e eis ahi tudo desconjuntado.

E o que tem mais graça é pedir-se ao governo auxilio contra os ratos, a elle que tem tudo inçado dos taes roedores.

Este caso dos bancos do Porto é o que mais tem preoccupado a attenção publica nos ultimos dias, depois da noticia do sr. Marianno de Carvalho ter mandado ao diabo a cultura da alfarroba no Algarve e voltar á vida activa da politica, principiando por tomar a direcção politica do *Diario Popular*.

Ora até que temos outra vez homem, e que se deixou dos amuos em que se pozera com as coisas da politica.

O vendaval vae passado, e ao vendaval sempre succedeu a bonança, e sua ex.ª talvez lombrigasse o arco iris a formar-se no horisonte, e a meiga pomba da paz a adejar por sobre a sua arca, e portanto sahiu a tomar os ares e a vêr se o seu prestimo póde ser util a algum banco que haja ahi para concertar.

Não podia vir em melhor occasião, porque está tudo desconjuntado.

Ao passo que o sr. Marianno de Carvalho, volta á vida activa da politica, as folhas progressistas vão dando noticias de crise ministerial, e dizem que sae do ministerio o sr. Oliveira Martins e o sr. Visconde de Chancelleiros.

Não sabemos qual a relação que haverá entre estes dois casos, nem o fundamento que tem a crise, mas o que parece é que começa a urdir-se intriga politica, o que não é para admirar nem surprehender.

Não concluiremos esta revista sem nos referirmos á morte do sr. Lopo Vaz, o estadista mais graduado da actualidade, uma das figuras mais salientes da politica dos nossos dias.

Esta morte foi uma grande perda para o partido regenerador, e dizemos perda para aquelle partido, porque emfim os politicos são muito mais dos seus partidos do que do seu paiz, visto que assim o entendem os mesmos politicos.

O sr. Lopo Vaz occupava o logar de sob chefe do seu partido, coisa que não percebemos lá muito bem, mas que emfim os mesmos politicos, assim o entendem.

Para prehencher, portanto esta vaga no partido, tem-se fallado com muitas probabilidades de occupar a tal vaga, no sr. conselheiro Hintze Ribeiro.

Nós, que não percebemos nada d'estas graduações convencionaes, limitamo-nos a dar a noticia e se soubermos de mais algum logarsinho que haja vago no partido, ainda que seja de amanuense, informaremos o leitor, porque emfim ha pretendentes para tudo.

João Verdades.

NAVEGAÇÃO AEREA

VELOCIPEDE HELICOPTERE

VELOCIPEDE AEROPLANE

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Um conto de reis, por Carlos de Faria, illustrações de A. C. Sobral e Julião Machado. Alcino Aranha & C.ª, editores, Porto. É uma edição muito nitida e prefusamente illustrada com elegancia pouco vulgar.

Vamos ler tão elegante livro e d'elle diremos depois.

Entretanto ahi fica annunciado, com os os nossos agradecimentos ao auctor.

As indispensaveis regras syntaxicas, *para facil comprehensão do sentido e da analyse de orações portuguezas*, por Vicente Luiz Xavier Monteiro, professor jubilado da escola lencastriana do 2.º grau, estabelecida no India Portugueza, etc. Primeira edição, Bombaim, 1891. Um pequeno folheto de 54 paginas, muito util para o estudo da lingua portugueza.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43